

portuguêses que deixam a terra natal para ir trabalhar e enriquecer em outros países refere-se o Autor, desnecessariamente, à conversa que teve, há poucos anos, com o Chanceler do Consulado português em Munique, quando este lhe falou do encanto que os morenos meridionais exercem sobre as louras saxãs, atualmente como dantes (p. 11); para a história mineira do séc. XVIII, que importa que o sr. Israel Pinheiro tenha nascido nesta ou naquela casa? (p. 21); toda a bela descrição que faz da procissão do Triunfo Eucarístico basta para que o leitor a veja em imaginação, não é preciso (e nem científico) compará-la a "produções cinematográficas de De Mille ou Dino de Laurentis" (p. 33); notoriedades momentâneas, como tantas "modas" do séc. XX, o que significarão para um leitor futuro interessado no tema? Ele entenderá as rezas coletivas do séc. XVIII sem que seja preciso dizer que eram "no melhor estilo do Padre Peyton" (p. 47); a mesma razão aplica-se a ... "furando a onda... numa cauta operação de surf"... e, há muitos fatores para valorizarmos Minas Gerais sem que seja... «o recheado cofre bancário mineiro, hoje tão respeitado em todo o Brasil»...

Enfim, como o notou a autoridade de Américo Jacobina Lacombe, a obra "é uma contribuição inteiramente nova para a visão da história mineira", ligando iluminismo e crise econômica em Minas no fim do séc. XVIII, e é uma cabal demonstração de aonde chegar a pesquisa documental sistemática, organizada e, porque não dizer, apaixonada de um intelectual que, tendo suas raízes no mineiro Caraça, raízes quer de formação quer de historiador, sempre pôs a serviço dos estudos mineiros o melhor de sua inteligência e de seu trabalho. — HELOÍSA LIBERALI BELLOTTO.

VIANNA, Hélio — *São Paulo no Arquivo de Mateus*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1969. 126 pp. (Coleção Rodolfo Garcia).

Artigos e comentários publicados por Hélio Vianna no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, em 1966, aparecem agora reunidos pela Divisão de Publicações e Divulgação da Biblioteca Nacional sob o título inadequado de "*São Paulo no Arquivo de Mateus*". Este pressupõe um levantamento à semelhança da obra de João Cabral de Mello Neto, *O Arquivo das Índias e o Brasil*. Tratam-se, na verdade, de estudos sobre e de autoria de Pedro Taques, sobre o Morgado de Mateus e sobre a chamada Questão Vimieiro-Luminares, à luz do valioso Arquivo, trabalhos estes todos de incontestável valor para o estudioso da história do Brasil setecentista. Entretanto, a generalização que o título faz supor e a falta de homogeneidade dos capítulos, causada pela sua própria estrutura parcelada de artigos de jornal, não desmerecem a publicação, profunda no seu sentido historiográfico — profundidade esta já sobejamente demonstrada pelo autor na sua vasta bibliografia.

O Arquivo de Mateus congrega a documentação reunida pelo Morgado de Mateus, D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, que foi Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo, de 1765 a 1775. O precioso acervo pertence atualmente à Secção de Manuscritos da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, tendo sido adquirido por iniciativa de Celso Cunha, quando Diretor daquela instituição, à Casa de Mateus, em Portugal.

Pedro Taques de Almeida Pais Leme, exaustivamente estudado como personalidade e como historiador, teve seu mais eminente biógrafo em Afonso E. Taunay, que lhe dedicou vários livros e artigos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e nos Anais do Museu Paulista. Legou-nos Pedro Taques, entre outros, a "História da Capitania de São Vicente...", "Notícia histórica da expulsão dos jesuítas do Colégio de São Paulo", "Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica", "Informação sobre as Minas de São Paulo...", "Notícia da expulsão dos jesuítas" e "Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania".

Do Arquivo de Mateus extraiu Hélio Vianna três memórias de Pedro Taques sobre temas paulistas, de repercussão nacional, pois implicam na exploração das futuras Minas Gerais, na época pertencentes ao território da Capitania de São Paulo.

A primeira, que foi transcrita com ortografia atualizada e com desdobramento das abreviaturas, intitula-se "*Memórias sobre a vinda do Ilmo. Exmo. Sr. Dom Francisco de Sousa, 7.º Governador-Geral da cidade da Bahia e do Estado do Brasil; sua passagem para a Vila de São Paulo e residência nesta Capitania; regresso para o Reino; sua volta para São Paulo com promessa de Marquês das Minas e seu falecimento na mesma Vila de São Paulo, em 11 de Junho de 1611*" e recebeu de Hélio Vianna uma série de anotações, adendos e esclarecimentos, em rodapé. O texto é minucioso e "evenementiel", como convém a umas "memórias" redigidas em 1766. Pedro Taques discute as fontes da época, comparando dados, procurando aproximá-los do que foi por ele encontrado em originais de Bibliotecas e Arquivos. Contém estas Memórias dados preciosos aos estudos sobre as minas, sua exploração, sua legislação e sua história administrativa. Além disso, situa a ação e a obra de D. Francisco de Sousa à frente do governo dos paulistas. "D. Francisco de Sousa na historiografia brasileira" é o comentário de H. V. que se segue às Memórias. São aí lembrados Frel Vicente de Salvador, Rocha Pita, Southey, Varnhagen, Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Carvalho Franco, que em trabalhos específicos ou em suas obras gerais preocuparam-se com o ilustre 7.º Governador-Geral do Estado do Brasil, de decisiva importância na história da mineração.

Sob a denominação "Administradores e descobridores das minas" o autor publica e comenta o trabalho de Pedro Taques, "*Memórias cronológicas, que dizem relações aos que foram enviados à Cidade de São Paulo para descobridores da Minas de ouro de Sabarabuçu...*". Constitui êle, para o comentador, uma síntese dos outros trabalhos de P.T., "Informação" e "Notícia" sobre as minas da então Capitania de São Paulo. É dada a sucessão dos Governadores e administradores-gerais das Minas em S. Paulo e os vários sucessos de suas gestões, até o Conde de Assumar, com que "expirou o compreender-se Minas Gerais na Capitania de São Paulo" (p. 36), pois em 1721 criou-se a nova Capitania de Minas Gerais.

Mais uma das informações históricas escritas por Pedro Taques de Almeida Paes Leme e "oferecidas ao seu amigo D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, Morgado de Mateus" refere-se às fundações das primeiras vilas vicentinas. Tratam-se de dados posteriormente usados pelo pesquisador em sua "História da Capitania de São Vicente", publicada em 1772. Porisso, nada há de inédito no documento publicado, mas muito há de interesse e merece o destaque. Do texto surgem João Ramalho e a vila de Santo André da Borba do Campo; surgem Manuel da Nóbrega e a Vila de São Paulo do Campo de Piratininga; surgem os Fernandes, povoadores por excelência, e as vilas de Parnaíba, Ituguaçu (Itu) e Sorocaba; surgem os irmãos Leme e a vila de Pindamonhangaba. Das outras vilas da Capitania de São Vicente, confessa P.T. ignorar a história. Entretanto, acrescenta Hélio Vianna, cinco anos após, quando da redação da citada obra, aquele historiador setecentista estudou com cuidado a origem e o desenvolvimento de uma vintena de outras vilas, demonstrando assim as pesquisas que efetuou.

"Oito cartas inéditas de Pedro Taques", constituem o 2.º capítulo, como os demais, retirado do Arquivo de Mateus e inicialmente publicado no Jornal do Comércio. Porisso, mais um vez, ao começar os mesmos, faz H.V. menção ao referido Arquivo e repete informações sobre a sua aquisição. Tal tratamento é compreensível, repetimos, na interrupção de leitura que a publicação primitiva, jornalística, implicava. A redação inicial de cada parte da presente obra analisada, poderla ter sido modificada, dando-se-lhe caráter mais científico que, ademais, ela fartamente possui. O número maior de cartas emana da correspondência, incluindo-se cartas e cópias de documentos, entre Pedro Taques e seu parente D. João de Faro, Principal da Santa Basílica Patriarcal de Lisboa. São petições, informações e dados de interesse recíproco que são trocados. D. João era ligado por laços de família à Casa de Vimieiro que, por sua vez, era uma das disputantes à indenização devida ao resgate da Capitania de São Vicente por seu direito de descendente de Martim Afonso. O outro ramo disputante eram os Monsanto, posteriormente Cascais, a uma cuja representante teria sido a Capitania dada em dote, ilegalmente, em 1653.

Por esta razão eram freqüentes os pedidos vindos de D. João para Pedro Taques no que se refere a dados históricos e jurídicos que possibilitassem o andamento do processo reivindicatório. O resultado de suas pesquisas, além de informações esparsas nas cartas, foi enviado ao Principal, em maço, e sob o título "*Demonstração verdadeira, cronológica dos Donatários da Capitania de São Vicente*". Além disso, as cartas tratam também de alguns de seus problemas pessoais com a administração do Reino, de documentos vários e de seus planos de trabalho historiográfico — dados enfim, que completam e enriquecem o quadro bio-bibliográfico de Pedro Taques, já estruturado, com maestria, por Afonso E. Taunay.

A Capitania de São Paulo, estudada em Memória redigida pelo próprio Morgado de Mateus, constitui o terceiro capítulo. Foi o mais ilustre representante da Casa de Mateus um dos "vários bons auxiliares com que contou, no Brasil, o Ministro Marquês de Pombal, no Reinado de D. José I" (p. 89) e quem, durante 10 anos, governou São Paulo (1765-1775). Trata-se da "*Demonstração dos Princípios e primeiras fundações da Capitania de São Paulo, conforme as notícias adquiridas por D. Luís Antônio de Sousa, Governador e Capitão-General que foi da dita Capitania*". Consiste numa resposta a um questionário sobre o qual não foi possível a H.V. obter maiores dados. As perguntas, "Quais os princípios que teve a Capitania de São Paulo, que é das maiores do Brasil?; de que modo se formaram dela as Capitanias de Minas Gerais, e de Cuiabá e Mato Grosso e dos Golases?; em que tempo floresceu mais?; e os motivos e razões por que tem decaído?" foram satisfatoriamente respondidas por D. Luís Antônio, levando-se em conta os enganos "naturais em quem não era historiógrafo" (p. 90), enganos estes corrigidos, em rodapé, por H.V.

Em se tratando de manuscritos do Morgado de Mateus, não poderíamos deixar fugir a oportunidade de assinalar a existência, pouco divulgada entre os historiadores, de manuscritos e documento relativo a seu governo no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. Tratam-se de cartas escritas durante sua gestão à frente da Capitania de São Paulo ao Marquês do Lavradio e ao Ministro da Marinha e Ultramar de D. José I, Martinho de Melo e Castro (algumas já publicadas por *Documentos Interessantes*) e "*Relação das festas públicas que na cidade de São Paulo fez o Illm. e Exmo. Senhor D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão...*" 1770. (1).

O livro, confirmando a sua característica de fonte para uma dos aspectos fundamentais da história paulista, termina com a Questão Viúveiro-Lumieiros. Hélio Vianna refaz, com seu estilo de historiador já bastante conhecido dentro e fora do país (2) o processo histórico-jurídico dos direitos às terras que constituíram a Capitania doada por D. João III a Martim Afonso de Sousa, em 1535. A documentação é farta, constatando de cartas do Morgado de Mateus, do Principal D. João já citado, além de cartas de outros interessados no caso.

A obra, que vem alargar, ademais de enriquecer a vasta historiografia de Hélio Vianna, além do que informa e esclarece à respeito de Pedro Taques e da Capitania de São Paulo ao tempo do Morgado de Mateus, assinalada a presença do *Arquivo de Mateus* na Biblioteca Nacional, presença auspiciosa ao pesquisador nacional sempre carente de documentação suficiente, organizada e acessível. Esta aquisição, em boa hora divulgada, vem assessorar, principalmente, àqueles que têm estudado o importante período da história de São Paulo que foi o governo do Morgado de Mateus. — HELOISA LIBERALLI BELLOTTO.

(1) Para a descrição dos documentos e maiores informações vide HORCH, Rosemarie E. — *Relação dos manuscritos da Coleção J. F. de Almeida Prado*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1966. 167 p.

(2) Dentre seus mais importantes trabalhos destacam-se «História do Brasil», «História da República», «História das fronteiras do Brasil», «História da Colônia de Sacramento», inúmeros estudos biográficos cobrindo a época imperial principalmente, e contribuições assíduas a jornais e revistas, tanto nacionais quanto estrangeiros.